

A IMIGRANTE ACADÊMICA BRASILEIRA: EXPERIÊNCIA, PRECONCEITO E SEXISMO À LUZ DO ESTEREÓTIPO COMO BARREIRA DE INTEGRAÇÃO

THE BRAZILIAN ACADEMIC IMMIGRANT: EXPERIENCE, PREJUDICE AND SEXISM IN THE LIGHT OF STEREOTYPING AS A BARRIER TO INTEGRATION

Camila Lamartine ¹[0000-0002-0011-7773]

Danusa Colares ²

¹ Instituto de Comunicação da NOVA (ICNOVA), Universidade NOVA de Lisboa

² ISEG – Lisbon School of Economics & Management, Universidade de Lisboa
camila.barbosa@campus.fcsh.unl.pt

Resumo. O presente estudo pretende refletir sobre o lugar social ocupado pela estudante universitária brasileira imigrante em Portugal, objetivando apresentar as dificuldades e preconceitos de integração, construídos a partir dos estereótipos misóginos e xenófobos vinculados somente a questão de nacionalidade, tendo ainda o agravante do sexismo pelo fato de tratarmos de um universo feminino em meio a uma sociedade tradicionalista e patriarcal. A investigação é fruto de inquérito com grupo de mulheres imigrantes de diferentes locais do Brasil, que foram estudar mestrado em terras lusitanas, cujas idades variam de 25 a 42 anos. A partir disto, é feita uma análise de discurso que pretende responder se há ainda preconceito em relação a essas mulheres, em termos de gênero e de identidade social enquanto estudantes. Evidencia-se uma latente xenofobia por parte da sociedade e instituições portuguesas, especialmente dentro da comunidade científica.

Palavras-chave: Imigrantes Brasileiras; Feminização das Migrações; Preconceito; Estereótipos.

Abstract. This study intends to reflect on the social place occupied by Brazilian immigrant college students in Portugal, aiming to present the difficulties and prejudices of integration, built from misogynistic and xenophobic stereotypes linked only to the issue of nationality, also having the aggravating factor of sexism because we are dealing with a female universe during a traditionalist and patriarchal society. The research is the result of an inquiry with a group of immigrant women from different parts of Brazil, who went to study for a master's degree in Lusitanian lands, whose ages range from 25 to 42. From this, a discourse analysis is made to answer if there is still prejudice against these women, in terms of gender and social identity as students. A latent xenophobia by Portuguese society and institutions is evidenced, especially within the scientific community.

Keywords: Brazilian Immigrants; Feminization of Migration; Prejudice; Stereotypes.

Introdução

Há quase vinte anos do movimento que ficou conhecido por “Mães de Bragança”, cuja intenção era expulsar da cidade as brasileiras trabalhadoras do sexo sob a desculpa da “manutenção da moral” (GOMES, 2018), o estereótipo vinculado a mulher brasileira persiste e se faz presente na contemporaneidade, apesar de perceber-se uma característica diferente da imigração feminina à Portugal.

A feminização da migração adquiriu maior notoriedade devido aos estudos feministas na academia, sendo percebido em Portugal nos anos 2012, de acordo com o SEF. Não se trata, contudo, de uma novidade, e sim, de um enquadramento que considera o gênero e que não conduz essas mulheres apenas ao reagrupamento família, inferiorizando-as esposas e filhas somente (JERÓNIMO, 2019).

Ao chegarem em solos lusitanos, essas mulheres deparam-se com o paternalismo, o sexismo e o eurocentrismo que as inferiorizam e secundarizam. Quando falamos em mulheres brasileiras, essa questão é bastante agravada pela xenofobia que ganha asas na colonialidade racista que as hipersexualiza e racializa enquanto corpos disponíveis, independente de sua origem, realidade social e qualificação profissional.

Devido ao maior número de mulheres imigrantes em Portugal, Queiroz *et al.* (2020) ressaltam que os diversos estudos realizados fazem uma relação entre a migrante brasileira e trabalho sexual. Portanto, considerando que há certa escassez de trabalhos que percebam a migrante brasileira qualificada, torna-se oportuno abordar a relação desta com a academia científica em Portugal.

Esta investigação foi feita com 15 mulheres migrantes brasileiras, estudantes de mestrado numa instituição de ensino superior português. Através de inquérito online procurou-se perceber se ainda havia preconceito em relação a essas mulheres devido a sua nacionalidade, e, mais especificamente, se esse preconceito se fazia presente no ambiente científico, com a particularidade de este ser o seu país colonizador.

Material e Métodos

Com a intenção de aferir se as imigrantes brasileiras percebiam a comparência de preconceitos e discriminações em Portugal, especificamente dentro do âmbito acadêmico, optou-se pela pesquisa qualitativa exploratória, objetivando, sobretudo, oferecer espaço de fala a essas vozes colocadas maioritariamente à margem.

O critério de seleção dos participantes foi ser imigrante do sexo feminino, possuir nacionalidade brasileira e ser estudante de mestrado de alguma universidade portuguesa. O processo de constituição se deu através do conceito bola de neve, chegando a 15 mulheres, de diferentes regiões do Brasil, entre 23 e 42 anos e de diferentes áreas de estudo, caracterizando uma amostra diversificada e abrangente.

Para coleta dos dados, a escolha da aplicação de questionário com perguntas abertas se fez a mais assertiva, onde as participantes foram inicialmente contactadas por telefone móvel, e após o consentimento informado, o questionário foi enviado por e-mail – a pandemia da covid-19 foi empecilho para pensarmos em entrevistas presenciais. Posteriormente, os dados foram transcritos e separados de acordo com as seguintes temáticas: (1) perfil sociodemográfico; (2) antes da migração; e (3) contexto português, e, em seguida, foram submetidos a uma análise de discurso.

Resultados

Conforme já referido, a intenção desta investigação considerou, especialmente, proporcionar às imigrantes brasileiras em Portugal um lugar possível à exposição das suas opiniões, sentimentos e experiências em terras lusitanas. Os relatos dessas mulheres permeiam não só a vida académica – objetivo principal dessa investigação – abarcando as experiências, em maioria, de carácter mais negativo no que se refere a integração na sociedade portuguesa e no mercado de trabalho.

Em relação a distribuição geográfica, a maioria das inquiridas se concentrava na capital do país, Lisboa. A escolha de morar na capital foi justificada pelo fato de ser “ponte para Europa”, oferecendo uma experiência cultural ainda maior pela diversidade de nacionalidades possíveis de contato. No entanto, muitas das respondentes enfatizaram a dificuldade de arrendamentos e os custos cada vez mais altos.

Nesta investigação, todas as respondentes afirmaram vir à Portugal sem qualquer bolsa ou insumo de qualquer universidade, onde o custeio do mestrado ficou de responsabilidade única e exclusiva das inquiridas. Assim, em relação a escolha de Portugal como destino para realização de mestrado, a principal motivação referiu-se à relação custo-benefício referente não só às propinas das instituições de ensino, como também, e especialmente, ao custo de vida do país.

A facilidade da língua apareceu como outro fator importante, sobretudo no que se refere ao meio académico. Além disso, as semelhanças culturais e vínculos históricos, corroborando ao que Dias e Ramos (2019) colocam como motivações não económicas, especificando os avanços legislativos em relação aos imigrantes, a menor burocracia de entrada na Europa, o incentivo à imigração, a segurança, expectativas de oportunidades de trabalho e, sobretudo, a educação com uma qualidade reconhecida internacionalmente.

Todas as respondentes afirmaram já ter sofrido preconceito por ser mulher imigrante em solo português. Percebe-se em todas as participantes pelo menos um relato de preconceito devido a sua nacionalidade brasileira e, claramente, vinculado ao seu sexo, principalmente no que se refere ao sexismo e a objetificação da mulher brasileira.

As respondentes afirmam que o estereótipo da mulher brasileira é fortemente reforçado pelos media que a apresentam numa “disposição naturalmente intensa para fazer sexo e uma propensão à prostituição, combinadas com noções ambíguas sobre seus estilos de feminilidade, tidos como submissos, com uma alegre disposição para a domesticidade e maternidade” (PISCITELLI, 2008, p. 269).

Diversos são os casos de preconceito dentro da comunidade académica apresentados pelas inquiridas. As principais tipificações são em relação a língua considerada “brasileiro” e não português, e ao fato de terem seu intelecto colocado a prova, uma vez que são brasileiras, logo, inferiores.

Conclusões

A feminização das migrações é um fenómeno crescente no mundo e, claro, em Portugal. Em 2019 o número de imigrantes do sexo feminino ultrapassou o do sexo masculino, percentagem que permanece maior desde 1990. Acompanhando todo esse processo, as mulheres brasileiras também estão à frente dos homens, totalizando neste ano 25.221 mulheres em fluxo.

No campo académico, a intenção pela participação das mulheres em mobilidade

estudantil emergiu no fim do século XX, entretanto, percebe-se ainda hoje, uma clara divisão de gênero, onde a mulher sempre está em posição inferior no que diz respeito à salários, carreiras e oportunidades, o que é agravado quando a nacionalidade da estudante é de um país colonizado, especialmente, as brasileiras.

Quando chegam à Portugal, essas imigrantes deparam-se com o imaginário social criado sobre elas que reforça as desigualdades históricas de forma colonialista, sexista e misógina, sustentadas e validadas pela sociedade conservadora, mascarando as violências passadas sob o pretexto de uma miscigenação amistosa, o que garante ao país a falsa premissa de não racista.

Considerando nossa intenção em explorar a percepção da imigrante brasileira a partir, também, do seu lugar de fala. Foi constatado extrema xenofobia por parte da sociedade e instituições portuguesas, bem como dentro da comunidade científica, lugar onde deveriam ser acolhidas e ensinadas, ao contrário de apontadas, julgadas, e até como dizem, inferiorizadas.

Pretende-se, então, contribuir para os estudos das feminizações das migrações e ciências sociais, fomentando um olhar especial à essas mulheres acadêmicas e qualificadas que acabam por encaminhar-se à empregos marginalizados devido ao preconceito imputado pela sua nacionalidade.

Foi limitante aqui, a pouca oferta de dados concretos acerca da migração específica de mobilidade estudantil considerando a categoria de gênero, assim como a disponibilidade das inquiridas em relatar situações que lhes trouxeram bastante desconforto.

Espera-se que, com um olhar mais atencioso, sejam efetuadas mudanças no âmbito do acolhimento e integração tanto no que se refere à academia, quanto aos *media* que disseminam um estereótipo sexista e hipersexualizado, que continua a vitimar diversas imigrantes brasileiras.

Referências

- DIAS, Marly de Jesus Sá; RAMOS, Natália. Mulheres brasileiras em Portugal e violência de gênero: desafios migratórios em contexto internacional. *The Overarching Issues of the European Space: a strategic (re) positioning of environmental and socio-cultural problems? Um (re) posicionamento estratégico das questões ambientais e socioculturais?*, p. 197-208, 2019.
- FRANÇA, Thais, PADILLA, Beatriz. Imigração brasileira para Portugal: entre o surgimento e a construção midiática de uma nova vaga. *Cadernos de Estudos Sociais*, v. 33, n., 2, p. 1-30, 2018.
- GOMES, Mariana. Gênero, Colonialidade e Migrações: uma análise de discursos institucionais sobre a “Brasileira Imigrante” em Portugal. *Política & Sociedade - Florianópolis* - Vol. 17 - Nº 38, p. 404-439, 2018. DOI: [10.5007/2175-7984.2018v17n38p404/](https://doi.org/10.5007/2175-7984.2018v17n38p404/)
- JERÓNIMO, Patrícia (coord.). Igualdade de Gênero: Velhos e Novos Desafios. *Direitos Humanos – Centro de Investigação Interdisciplinar (DH-CII)*, 2019.
- PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras’. *Sociedade e Cultura*, v.11, n.2, p. 263-274, 2008.
- QUEIROZ, Camila Craveiro, CABECINHAS, Rosa, CERQUEIRA, Carla. Migração feminina brasileira e a experiência do envelhecimento em Portugal: sexismo e outros “ismos”. *Equatorial*, v. 7, n. 12, p. 1-23, 2020.